

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

OS DISCURSOS DA EXPERIÊNCIA: A VIDA COTIDIANA DE JOVENS. MULHERES.

Sueli Salva y Neusa Maria Roveda Stimamiglio.

Cita:

Sueli Salva y Neusa Maria Roveda Stimamiglio (2009). *OS DISCURSOS DA EXPERIÊNCIA: A VIDA COTIDIANA DE JOVENS. MULHERES. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1788>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

OS DISCURSOS DA EXPERIÊNCIA: A VIDA COTIDIANA DE JOVENS MULHERES

**Sueli Salva – UFSM
Neusa Maria Roveda Stimamiglio**

Resumo

Nas últimas décadas, as pesquisas que tratam da juventude se intensificaram, promovendo uma reflexão aprofundada sobre o tema e tornando visível a diversidade dos modos de vida de jovens de distintos contextos sociais e culturais. Ainda assim, observa-se uma lacuna no que se refere à vida das jovens mulheres, em especial quando se trata da vida cotidiana, para além dos tradicionais problemas abordados como: gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, relação das jovens com a criminalidade etc.. Direcionar um olhar para as jovens significa colocar em evidência aquelas que representam a grande maioria das jovens deste país, as anônimas, aquelas que não se destacam como problema e que ainda carecem de estudo, como apontam alguns investigadores contemporâneos. Significa também refletir sobre o modo como algumas mudanças vêm ocorrendo em relação ao jeito de ser e de pensar das jovens mulheres. Desse modo, esse artigo pretende colocar em pauta a reflexão sobre a vida cotidiana de jovens mulheres, estudantes de escolas públicas, que vivem em situações de precariedade, a partir do conceito de inclusão precária desenvolvido pelo sociólogo José de Souza Martins. A discussão partiu da provocação de que a intensa carga de trabalho que as jovens são expostas, desde muito cedo, são o principal motivo que dificulta a permanência no ensino médio. Por meio dos discursos sobre as vivências cotidianas, foram percebidos pormenores ocorridos num cotidiano precário, móvel, líquido e imprevisível que contrasta com os valores e instituições tradicionais, como a família e a escola. A investigação, de caráter qualitativo, utilizou como metodologia de investigação os Grupos de Discussão realizados durante os meses de outubro e novembro de 2007, em Porto Alegre. A análise dos discursos produzidos pelas jovens foi realizada a partir dos fundamentos epistemológicos da metodologia anunciada.

Palavras-chave: jovens mulheres, periferia urbana, vida cotidiana.

Introdução

Nas últimas décadas, as pesquisas que tratam da juventude se intensificaram, promovendo uma reflexão aprofundada sobre o tema e tornando visível a diversidade

dos modos de vida de jovens de distintos contextos sociais e culturais. Entretanto, quando se pensa nas jovens mulheres, percebe-se que há uma lacuna. Poucas vezes as jovens se tornam tema de investigação, em especial quando se pensa na maioria das jovens, aquelas anônimas, que não tem destaque no espaço público, que não são geradoras dos problemas que envolvem a juventude em geral, como a criminalidade, uso de drogas, gravidez com pouca idade. Desse modo, esse artigo pretende colocar em pauta a reflexão sobre a vida cotidiana de jovens mulheres, estudantes de escolas públicas, que vivem em situações de precariedade, e que passam boa parte do tempo no espaço doméstico. A discussão partiu da provocação de que a intensa carga de trabalho que as jovens são expostas, desde muito cedo, são o principal motivo que dificulta a permanência na escola. A investigação, de caráter qualitativo, utilizou como metodologia de investigação os Grupos de Discussão realizados durante os meses de outubro e novembro de 2007, em Porto Alegre. A análise dos discursos produzidos pelas jovens foi realizada a partir dos fundamentos epistemológicos da metodologia anunciada, que trataremos brevemente.

Os grupos de discussão

Com o objetivo de organizar os grupos de discussão, nos meses de agosto e setembro de 2007, percorremos algumas escolas públicas da periferia urbana de Porto Alegre. Nosso objetivo, neste primeiro momento foi fazer um contato inicial com jovens mulheres estudantes. Para construir os grupos de discussão precisávamos definir um perfil das jovens, perfil esse que respondesse a nossa proposta de promover uma reflexão sobre a vida cotidiana de jovens mulheres, estudantes de escolas públicas, que vivem em situações de precariedade e que passam boa parte do seu tempo no espaço doméstico. Privilegiamos jovens com idades entre 15 e 24 anos, residentes nos bairros de periferia, trabalhadoras fora da esfera doméstica ou não. Para atingir nosso objetivo definimos por aplicar um instrumento constando de um questionário com perguntas fechadas selecionando as jovens a partir desse instrumento. Traçado o perfil, foram convidadas quarenta e oito jovens para compor os grupos de discussão, número suficiente para organizar quatro grupos, sendo que ocorreriam dois grupos em cada dia de encontro. A partir da presença das jovens foi possível organizar apenas dois grupos,

pois, mesmo subsidiando o transporte e o lanche para as mesmas, à distância e encargos do cotidiano impossibilitaram a presença de um número mais elevado de jovens¹.

O método foi utilizado com o objetivo de captar o discurso que as jovens produzem coletivamente, uma vez que durante a pesquisa de doutoramento², foi privilegiado o discurso individual de cada jovem através de narrativas autobiográficas construídas em diários. No caso específico dos grupos de discussão, considera-se que o discurso produzido no momento de encontro, representa o grupo de referência a que pertence (neste caso jovens mulheres), e o lugar social em que vivem (a periferia da capital do estado do Rio Grande do Sul). O discurso produzido é um “nós” representativo daquele grupo.

Esta forma grupal de produção discursiva [...] induz a que os grupos de discussão socializados, seja relativamente freqüente, o uso do nós como primeira pessoa do plural, como expressão coletiva e pré-consciente desta forma de construção grupal e representacional do discurso em função do papel desde o que se fala e com aquilo que se identifica a reunião do grupo que se trata. (CONDE, 1996, p. 282)

De acordo com o Conde (1996), a diferença entre os discursos produzidos de modo individual e em grupo é que enquanto o discurso individual tem uma função expressiva de explicitar o discurso produzido individualmente, a discussão de grupo por outro lado, tem uma função metalingüística, isto quer dizer que o que se expressa no grupo é o código social e lingüístico que traduz a interpretação da realidade construída a partir da interação do grupo.

A discussão em grupo, diferentemente da subjetividade implícita nos diários autobiográficos, representa um discurso coletivo conformado dentro de um contexto mais amplo relacionado com o campo de pertencimento sociocultural. O grupo de discussão, de acordo com Ortí (1989, p. 197), oferece melhores condições para que possa emergir, “com todas suas contradições, ambigüidades e matizes, a estrutura motivacional básica da subjetividade coletiva da condição ou situação da classe representada”, portanto, este método é também uma forma de possibilitar o emergir dos problemas sociais enfrentados pelas jovens mulheres.

Em relação ao conceito de inclusão precária, esse pode ser compreendido através da concepção de José de Souza Martins (1997), que argumenta estar uma parte da sociedade incluída de modo precário. Isso significa que parte da população se insere na

¹ Essa justificativa foi dada pelas próprias jovens nos contatos telefônicos.

² A pesquisa concluída em abril de 2008, teve como objetivo conhecer e compreender a vida cotidiana de jovens mulheres a partir de narrativas escritas em diários autobiográficos produzidos durante um período de 18 meses por seis jovens mulheres de periferia urbana de Porto Alegre, a investigação contou ainda com observações *in loco*.

cadeia produtiva, do ponto de vista econômico, mas não do ponto de vista social, moral e político. Essa população forma “um mundo à parte”, constituindo o que o autor denomina “nova desigualdade”. Seu estudo também alerta para o surgimento de outra forma de desigualdade que se apresenta como uma espécie de “sub-humanidade”, já que ela é incorporada através do trabalho precário, como por exemplo, no trambique, no pequeno comércio, no setor de serviços mal pagos. Essa sociedade é baseada no consumo, na circulação de mercadorias e serviços fora do eixo da produtividade. Constrói um mundo com contornos semelhantes ao das classes plenamente incluídas, utilizando produtos de qualidade inferior, mas não tem acesso aos bens econômicos, culturais e educacionais das classes mais elevadas.

Em cena as jovens mulheres

Nas últimas décadas, no Brasil, o tema da juventude adquire relevo, não tanto pelas suas demandas, como pelo índice populacional. A faixa etária entre 15 e 29 anos é a mais elevada de todas. O número expressivo de jovens, a democratização do ensino por um lado e a dificuldade de permanência desses jovens na escola, mais a falta de emprego para o setor juvenil, se tornam pautas de preocupação e temáticas de investigação, que proliferam em muitas universidades do país. Entretanto, as investigações referentes a jovens mulheres não adquirem o mesmo interesse do que aquelas que destacam o sexo masculino. Os jovens são estudados e pesquisados pela emergência das suas expressividades culturais, dos seus traços de rebeldia, sua participação nos grupos de inserção política, ou seja, o sexo masculino adquire relevo a partir da sua visibilidade no espaço público. Se durante a década de 80 as investigações privilegiavam a juventude de classe média e deixavam de lado outros grupos sociais, vemos nas décadas seguintes o privilégio dos jovens do sexo masculino nos estudos sobre juventude. Da mesma forma que a vertente cultural, nas décadas de 70 e 80, causou um mal-estar entre pesquisadores, que divergiram desse viés, por considerar que privilegiava apenas uma parte da juventude, ou seja, jovens de classe média, contemporaneamente, também causa mal-estar à ausência de estudos que colocam em cena as jovens mulheres. Reguillo (2003) reforça essa idéia destacando que a temática mais ausente nos estudos sobre a juventude é a perspectiva de gênero. Segundo ela, embora a juventude compartilhe códigos e universos simbólicos, existe características diferentes, “a forma de organização alcançada pelos coletivos juvenis de composição majoritariamente masculina não é equivalente no caso das jovens, que segundo alguns estudos tendem a se inserir nos grupos juvenis “masculinizando-se”. A especificidade

dos modos de vida do universo feminino ainda carece de estudos. Reconhecemos, entretanto, que alguns estudos na área das ciências médicas e os estudos de gênero tematizam as jovens, entretanto, o discurso médico recai sobre os problemas, associados a gravidez considerada precoce e os estudos de gênero sobre a sexualidade.

Os poucos estudos na área da sociologia da juventude apontam diferenças significativas nos modos de ser jovem mulher e nos modos de ser jovem homem, portanto, não pode ser encarada como uma categoria unisex. Constata-se nas investigações, que as jovens têm uma posição marginal em relação aos jovens, em especial quando se trata de cultura juvenil. A vida pública e privada das jovens, os encontros com outras jovens, os passeios, as amizades, a cultura do quarto, a vida familiar, o trabalho doméstico, não foram alvo de investigação como foram às temáticas que enfatizavam problemáticas e culturas do universo masculino.

Em relação à vida cotidiana de jovens mulheres ainda temos muito a nos interrogar, dado que esta “não se constitui num objeto unificado por qualquer sistema conceptual e teórico coerente e próprio”. (PAIS, 2003, p. 72) Por sua diversidade, o olhar para a vida cotidiana produz, de certa forma uma dispersão, obrigando-nos a olhar para muitos lados. Entretanto, são essas narrativas sobre a vida que nos possibilitam de modo privilegiado analisar sociologicamente o cotidiano, uma vez que este “é revelador, por excelência, de determinados processos de funcionamento e de transformação da sociedade e dos conflitos que a atravessam”. (PAIS, 2003, p. 72)

Ao direcionar o olhar para o universo juvenil feminino podemos observar que esse universo possui muitas faces que merecem um olhar mais atento. Suas experiências retratam uma cultura juvenil feminina do tempo contemporâneo, cujo silêncio, submissão e obediência incondicional presentes em muitas realidades e épocas tendem a ficar para trás. Essas mudanças que ocorrem, de forma lenta, mesmo entre as camadas mais pobres, não são percebidas facilmente, ou quando são percebidas, pesa sobre elas um julgamento moral referente ao seu comportamento. Esse novo modo de comportamento não é percebido como direito ou conquista, mas como um demérito em sua conduta, por exemplo, quando tomam a iniciativa e querem “ficar com um guri”³. Entretanto, quando esse comportamento é protagonizado pelos jovens, significa que eles

³ Ficar é uma expressão utilizada pelos jovens e pelos jovens para designar um relacionamento afetivo-amoroso que não tem compromisso ou pretensão de ser duradouro. É uma troca de carícias entre pares vivenciadas apenas no momento presente.

são muito poderosos e reeditam valores que dignificam a masculinidade, já para as jovens o ficar tem um valor negativo, preconceito e interdições. (CASTRO, 2004)

Tendemos a pensar que as jovens de periferia têm como única possibilidade, seguir a trilha de suas mães que se restringe ao casamento com pouca idade, pouca escolarização e o desejo de manter junto a si um companheiro do sexo masculino que representa, na relação, o poder e o respeito. Torna-se oportuno neste momento, retomar a investigação de doutorado para salientar que embora o discurso da dominação masculina ainda exerça muita influência nas vivências das jovens mulheres. O que mais se destaca em suas vidas é a intensidade do viver e o desejo de construir uma vida diferente de suas mães, pelo menos no que concerne a “desobediência” ao parceiro, adiamento da maternidade e busca de escolarização. Nesse modo de viver das jovens, há lugar para os projetos e sonhos e dentre eles, está o desejo de uma formação universitária, a independência financeira e a constituição de uma família. (SALVA, 2008, p. 378) Muitas vezes o sonho de concluir o processo de escolarização se prolonga, mesmo assim, as jovens não desistem facilmente deste projeto.

Tratando especificamente das jovens dos grupos de discussão, observa-se que para elas o processo de escolarização é árduo, marcado de reprovações e frustrações. Mais do que aprender a escola é um lugar onde se necessita aprovação. Em nenhum momento da discussão as jovens fazem alguma referencia significativa relativa à aprendizagem, mas muitas ressaltam que foram repreendidas porque não passaram de ano, ou porque não cumpriram com as expectativas em relação ao seu comportamento. Em relação a reprovação, muitas vezes é a própria família que considera melhor a jovem repetir o ano para não “fracassar” no ano seguinte. A concepção da família é que se a jovem repetir o ano letivo vai ficar mais “forte” no ano seguinte, como se a repetência fosse garantia de aprendizagem:

Eu também, [foi a primeira], ah, eu rodei um ano, ah. Desde que eu entrei no 2º grau eu to no mesmo colégio, eu rodei no primeiro, por causa disse, né. Foi logo que a minha mãe tinha falecido, aí eu tive alguns problemas. Fui morar com meus tios. Eles acharam melhor eu ficar, né, rodar no primeiro, se eu não rodasse no primeiro ia rodar no segundo de qualquer forma. Mas aí agora eu to no segundo, to bem, to indo bem até agora, to com tudo certo pra passar. (F2)

Por isso que eu rodei um ano que foi na 7ª série. Aí, fui pra um colégio lá na zona sul que eu saia de casa 5 horas da manhã pra tá lá às 8. (J1)

Eu fui no CIEE, já, mas como eu tô quase rodada, aí vou parar de estudar esse ano... aí ano que vem eu começo. Quê que adianta continuar? Não tem como conseguir [entrar?]? (F1)

As jovens tentam estabelecer um vínculo com a escola, ou seja, tentam comunicar-se com ela de alguma forma, mas muitas vezes não conseguem. A escola parece distante e não vinculada aos interesses das jovens. Mais importante na escola, na opinião delas, é ser aprovado. Analisando o próprio percurso escolar, as jovens relataram que no ensino fundamental tiveram sucesso na escolarização, mas já em nível de escolarização mais avançado, como por exemplo, no ensino médio elas se mostram distantes e em geral analisaram o desempenho neste grau de ensino como tendo pouco êxito.

Nas narrativas das jovens, pode-se perceber que tanto a vida fora da escola como a vida escolar, se revela em realidades complexas e multifacetadas. Nos relatos tornou-se evidente as conseqüências de uma vida com muitas dificuldades, onde a precariedade vivida no cotidiano deixa marcas profundas e duras. O sonho dessas jovens permanece ainda indelével, porém o sonho se ressignifica diante das dificuldades e das impossibilidades enfrentadas. As jovens parecem criar novas trilhas, como por exemplo, na busca de um outro sentido para seus projetos futuros e estes contemplam sonhos como independência e autonomia, em muitos momentos percebe-se que há pouca possibilidade de que isso realmente venha acontecer. A vida concreta das jovens se mostra atroz, uma existência dura, impregnada de dificuldades que exigem das jovens muita força e energia para abrir novos caminhos. Percebemos que o discurso expressa os desejos e sonhos das jovens, entre eles está o de concluir a escolarização e de conseguir um bom emprego. Por outro lado, suas narrativas expressam também as dificuldades impostas pela precariedade como, por exemplo, a distância entre a casa e a escola, cujo percurso leva em torno de três horas em algumas realidades, dificuldades de chegar a escola em virtude do trabalho. Mesmo enfrentando a distância e percorrendo longos trajetos para chegar à escola, o sistema de ensino não se mostra um lugar acolhedor, um espaço de inclusão, ao contrário, em muitas situações se reverte em um lugar de fracasso e reprovação.

Outro aspecto que merece destaque está relacionado com as construções de gênero. Em nossa sociedade, ainda hoje percebemos que as jovens vivem o seu processo de socialização mais no espaço da casa, quer dizer no âmbito do privado.

Historicamente constata-se que o espaço da casa, o lugar do privado, foi em determinadas épocas exclusivamente da mulher. Ainda hoje, em nossa cultura prevalece a idéia que o espaço da casa cabe a mulher. Esse espaço privado que nos referimos, não necessariamente é um espaço de usufruir de um direito a privacidade, mas um espaço de exclusão do público. Dessa forma, as jovens dedicam seu tempo quase exclusivamente ao trabalho doméstico sem, contudo, considerar esses afazeres como trabalho e sim muito mais como uma “obrigação das mulheres”. As jovens também relataram que são encarregadas de tomar conta dos irmãos e irmãs menores, restando-lhes pouco tempo para si próprias ou até mesmo para a realização das tarefas escolares. Para muitas dessas jovens, o único tempo que dedicam a si próprias é o período em que estão na escola ou na igreja. É nesse tempo, no papel de “ser aluna” que elas têm direito a um tempo próprio onde podem conversar com as amigas, trocar informações, combinar encontros de lazer, comentar sobre os acontecimentos sociais ou ainda, ficar consigo mesmas.

Sobre essas jovens ainda recai a cobrança de que como mulheres, elas têm a obrigação de obter sucesso nos estudos. A reprovação é muito menos aceita entre as jovens, em comparação com os jovens da mesma idade.

Eu já rodei um ano, aí continuei na mesma escola e agora eu tenho que passar, né. Senão. (J1)

Muitas vezes as punições por reprovar são trocas de escola. Quando a família permite que jovem fique na mesma, é com a condição de um esforço maior para que a jovem possa ser aprovada. A troca de escola significa afastar-se, principalmente, das amigas, as quais constroem certa cumplicidade e se apóiam para poder, em alguns momentos, ter companhia para sair, ou seja, para vivenciar algumas formas de lazer, já que elas nem sempre podem sair sozinhas.

As jovens são explícitas ao manifestar como ocorrem as relações de autoridade na família. É possível perceber que a autoridade paterna, com base no modelo de família patriarcal, cujo poder centrava-se no homem, pai ou marido, hoje adquire novos contornos. A autoridade que era exercida quase que exclusivamente pelo pai em outras épocas ou modelos familiares, agora nos relatos das jovens sobre as relações de poder dentro da família, surge a autoridade também na figura da mãe, que muitas vezes tem contornos muito parecidos com o patriarcado. Desse modo, embora se possa pensar que a há uma crise na instituição familiar, dentro do modelo da família patriarcal, as

relações de autoridade familiar parecem reeditar-se continuamente, muitas vezes, dentro de contornos de famílias organizadas a partir da estrutura matrifocal.

[...] *A minha mãe, ela sempre só me olhava. Sempre. Ela só olhava e eu já sabia. Ou que ia apanhar, ou que eu podia brincar. (F1)*

[...] *Ah, que nem meu pai. (J1)*

Torna-se oportuno destacar que no discurso das jovens a religiosidade é um conteúdo muito presente. Todas, de algum modo estão ligadas a igrejas. Entretanto, a instituição religiosa parece conter um sentido mais utilitário do que relacionado à fé. Ir à igreja se configura também como momentos de lazer, de encontro com os amigos. As jovens relatam que são absorvidas pela família e pelo trabalho, isso implica em serem privadas de usufruir de um tempo e espaço próprio, dessa forma os encontros religiosos possibilitam a vivência de um tempo só delas. Também ir à igreja parece ser uma forma de escapar do controle familiar, pode-se dizer uma estratégia utilizada pelas jovens para ter liberdade, uma vez que elas são mais controladas e vigiadas do que os filhos homens. Os filhos homens, ao contrário das filhas mulheres podem sair sozinhos e normalmente eles têm liberdade para escolher o lugar aonde querem ir, já as jovens, têm lugar determinado para ir e precisam sair acompanhadas. Como os grupos religiosos relacionados à igreja não apresentam ameaça para a família e para a moral das filhas mulheres, elas podem frequentar mais livremente.

Foi mesmo isso: ir pra religião católica, né, e isso me faz bem, faz bem quando a gente vai pra igreja. E me faz bem também quando eu vou [??] no sábado. E mudei [muito?] também depois que eu fui pra lá. (Y1)

Eu fui batizada na igreja, tudo, mas eu sou umbandista. Ahã... Eu acredito em tudo... espírito, sabe, eu acredito em vida após a morte, eu acredito em várias coisas, sabe, porque foi assim que eu tive a minha criação, a minha família, sabe, todo mundo, a gente vai na igreja, sabe. Eu vou... eu não entrei na Umbanda por opção minha, entendeu, porque quando eu era menor eu tive uns problemas e aí a minha mãe.... foi a única saída que a minha mãe achou, alguma coisa assim, sei lá, sabe. E depois, desde aí eu comecei a seguir. Aí, não sei, não tinha como eu sair, mas foi uma coisa que eu fui acreditando, gostando daquilo tudo, sabe, [?] porque eu me sentia bem, até hoje eu me sinto bem. (C1)

Surpreende o modo como as jovens falam da religião, relacionam o pertencimento religioso como um meio de entrarem em contato com o grupo de amigos,

de ter uma âncora para os problemas, de mudar comportamento e a possibilidade também de usufruírem de um tempo e espaço próprio. Nem sempre essas jovens dispõem desse tempo-espaço próprio, por isso o tempo-espaço da igreja pode estar se constituindo do ponto de vista simbólico, não como um lugar de privacidade, mas como lugar para viver uma experiência fora da família e da escola. No sentido que Larrosa (2002, p. 21) expressa, “a experiência é o que nos acontece, o que nos passa, o que nos toca. Não o que passa, o que acontece, ou o que toca”. O autor diz que vivemos em um mundo de acontecimentos, pois o mundo está organizado para que aconteçam muitas coisas, mas para vivermos a experiência do que acontece, temos que ser tocados profundamente. Portanto, a impossibilidade de viver a experiência torna os homens e as mulheres, de certa forma, prepotentes porque pretendem fazer tudo. O sujeito da experiência “é como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos”. (LARROSA, 2002, p. 24) Assim sendo, ter um tempo-espaço para dedicar-se a si próprias pode simbolizar de alguma forma a possibilidade de viver a experiência roubada no cotidiano, um cotidiano vivido com excesso de trabalho, compromissos, cercado de informações e opiniões.

A experiência vivenciada na igreja e mais uma entre as múltiplas protagonizadas pelas jovens. As jovens devem cumprir os encargos domésticos para depois sair de casa para ir à igreja.

Daí sábado é que eu gosto mais porque daí é um dia... sabe, eu faço tudo que tem em casa, sabe, e aí chega nas tardes de sábado e eu vou pro CLJ, e aí eu me sinto só pra mim, sabe, onde tem um tempinho só pra mim. [...] Aí tem folclore que é a dança, né, que também a gente não vive só de Deus, né, mas a gente tem também que se divertir. Depois a gente vai pras salas, debater, tanto que semana re-retrasada a gente debateu não ser preconceituoso com as religiões, a gente aprendeu a confiar mais nelas, né o que elas assim, são, a acreditar nas várias religiões, sabe. (YI)

Além da aprendizagem que proporciona, o grupo ligado a religião também é uma possibilidade de vivenciar a amizade. Para as jovens a amizade é uma relação importante, pois lhes possibilita maior liberdade e autonomia. É na relação da amizade que elas encontram a possibilidade de troca, de abertura ao outro e da gratuidade. Segundo Unger (2000, p. 48-49), “a amizade se liga a gratuidade. [...] Sendo gratuidade ela é autonomia: não serve para nada (pois amigo se é de graça); por isso não

serve a ninguém (pois sua ação se realiza a partir de si mesma”. Para as jovens a amizade lhes possibilita viver o que a cultura de certa forma lhes inviabiliza.

A possibilidade de vivenciar laços de amizade oportuniza a prática de outros tipos de organização fortalecidos fora da família. Os segredos, as confidências, as intimidades, os riscos e as novas experiências, normalmente divididas com os amigos, aliviam a tensão que os segredos produzem internamente, encorajando as jovens a tomar outras atitudes. Os jovens escolhem os amigos para vivenciar esse tipo de experiências. Entre os jovens, os amigos se constituem como âncoras depositando uns nos outros a confiança para experimentar coisas novas. (SALVA, 2006, p. 6)

Portanto, em muitos momentos, um dos caminhos utilizados pelas jovens para viverem suas experiências e suas amizades, é através da religião. Dessa forma a religiosidade se mostra mais uma das vivências de múltiplas facetas. Como as jovens mesmo dizem, não vão à igreja apenas para rezar e reverenciar a Deus, mas este espaço-tempo serve também para diversão, brincadeiras entre o grupo, para fazerem amigos, estudarem e rezarem também.

Não vou dizer que essa religião é ruim. Foi muito bom, sabe. Ter feito amizades, lá, sabe. Só que... eu gostei muito de lá porque eu tava estudando a minha verdadeira coisa... o que eu sinto, sabe. (Y1)

O processo de construção da identidade está ancorado nas raízes sociais e culturais, além disso, a “unidade pessoal” de um sujeito, “que é produzida e mantida pela autoidentificação, encontra apoio no grupo” no qual pertence e que fornecesse a possibilidade de situá-lo “dentro de um sistema de relações”. (MELUCCI, 2004, p.45) A construção dessas relações e o pertencimento em um grupo não ocorrem sem a emergência de conflitos entre a imagem que o sujeito possui de si mesmo e aquilo que o outro, ou o grupo ao qual pertence lhe retorna como imagem de si. O autor chama atenção para esse aspecto dizendo que essa é uma tensão “irresolvida e irresolúvel” entre a noção que o sujeito tem de si e o reconhecimento dado pelo outro. Entretanto, esses conflitos podem ser amenizados quando o indivíduo encontra gestos de solidariedade vindos do outro. Toda vez que isso ocorre com o grupo ao qual ele pertence, sua identidade é reforçada e garantida. Assim, podemos conceber os grupos como importantes mecanismos constituidores de identidades e a amizade, construída na internalidade desses grupos, pode ser considerada, um sistema de relações que possibilita uma “constante recriação de si”. (ORTEGA, 1999)

Muitas vezes, a religião se converte em um alívio para os conflitos próprios do tempo da adolescência, quando surgem com mais intensidade, as interrogações relativas ao processo de construção de identidades.

Quando eu tô mal, assim, eu vou na igreja e me faz bem, mas não sou de ir à missa todos os domingos. Domingo tem missa, né. Não sou de ir sempre. Mas eu vou, às vezes, com meu pai. (J1)

Ir à igreja também pode ser uma estratégia para estar junto dos pais, para reivindicar a sua proteção sem que essa se configure como uma forma de controle.

Outra temática recorrente nas narrativas das jovens versa sobre as relações afetivo amorosas. As narrativas das jovens sobre o amor, nas suas diversas formas de manifestação, são inúmeras. Não podemos afirmar que sempre o que as move são os ideais do amor romântico. Percebe-se que as jovens desejam constituir suas famílias, mas isso nem sempre está relacionada ao compromisso de um casamento.

Ah, eu sou... eu sou meio [?] Eu quero terminar o colégio, agora [?] faculdade. Me formar, ter a minha casa. Querer família, assim, não, porque eu gosto muito de ficar sozinha, sabe. Não quero ter filho, não quero ter marido até porque eu vi as dificuldades que a minha mãe passou com o meu pai. Se eu pu... Eu quero adotar uma criança pra criar ela sozinha, né. Porque eu vejo... Tem tanta criança na rua, assim, sabe, sem pai, sem mãe, sendo maltratada. (C1)

Ah, eu quero ter uma família. Casar, não na igreja, assim, eu não sonho em casar de véu e grinalda. Casar, ter um... como eu sempre quis ter um irmão mais velho eu quero ter um guri mais velho e uma guria nova, né. Que eu sempre quis que um guri cuidasse de mim, um irmão cuidasse de mim. Sonho em casar, sim, mas nada de chic. (J1)

Mesmo que em muitos momentos o casamento pareça ser o horizonte de muitas jovens, percebe-se que nas agendas juvenis alguns discursos sinalizam o sonho de terem uma formação universitária, mas ao mesmo tempo, em que este sonho aparece, elas declaram as dificuldades e impossibilidades de realizá-lo.

Ah, eu não sonho em casar. Achei, ai... Já passou do tempo, assim, ai que tu casa aí tem a tua família. Eu quero me formar, se Deus quiser, que está difícil, mas eu quero, Aha... Ah, quero sair bastante, quero curtir mais que eu curto hoje. Quero curtir muito, muito, muito a minha vida. (F1)

Em outros momentos a ênfase é dada ao encontro amoroso. O encontro amoroso é uma experiência que, mais do que saber, possibilita sentir. Nesse sentido, o fato das jovens tomarem a iniciativa de manifestar o desejo de “ficar com um guri” pode representar o direito de viver uma experiência no sentido de que Larrosa (2002) expressa.

Finalizando

As jovens, nos seus modos de ser e de se expressar revelam que outras formas de se constituírem como mulher pode estar emergindo. O direito a experiência, o direito a visibilidade no espaço público, mesmo que o espaço público inicialmente se converta no ritual de ir igreja e ir à escola, parecem ser uma conquista. A vida escolar se destaca pela insistência no seu processo de escolarização, portanto, os espaços vividos pelas jovens na igreja e na escola podem ser caminhos possíveis para construir novas trilhas. Caminhos que inicialmente parecem sinalizar que vão seguir as trilhas e experiências de vida de suas mães, mas novas e diferentes experiências se constituem com coragem e ousadia, como por exemplo, desejar construir uma família com filhos adotivos. As novas possibilidades de organização familiar sinalizadas pelas jovens, podem representar uma ruptura nas estruturas da dominação masculina. Talvez, essa geração esteja usufruindo muito mais das conquistas do movimento feminista. As jovens narram tomando posições diante da vida. O novo que trazem ao mundo é símbolo de uma nova condição como jovem mulher, principalmente no que diz respeito à liberdade e busca de autonomia, ainda que limitada pela precariedade que circunscreve a juventude nos contextos de periferia urbana, obrigando-as a redirecionarem os caminhos diante dos obstáculos que se impõem de forma imprevisível.

Referências

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena B.. **Juventude e Sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004, 428p.

CONDE, Fernando. **La Vivienda en Huelva - culturas e identidades urbanas**. Sevilla: Fundación El Monte, 1996.

CRIADO, Enrique Martín. **Producir la Juventud - crítica de la sociología de la juventud**. Madrid: ISTMO S.A., 1998.

LARROSA, Jorge. **Notas Sobre a Experiência e o Saber da Experiência**. Revista Brasileira de Educação. Jan/fev/mar/abr. 2002, nº 19, p. 20-28.

MELUCCI, Alberto. **O Jogo do Eu: A Mudança de Si em Uma Sociedade Global**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana – enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

SALVA, Sueli. **Jovens Mulheres: o que narram sobre a amizade?** Publicado em CD, no II Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica: tempos, narrativas e ficções. Setembro de 2006, Salvador, Bahia p. 1-12.

SALVA, Sueli. **Narrativas da Vivência Juvenil Feminina**: histórias e poéticas produzidas por jovens de periferia urbana de Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008.

UNGER. Nancy Mangabeira. **Ecologia e Espiritualidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.